

MEU MUNDO COM MAIS COR: reflexões acerca de uma primeira experiência de prática docente a partir do PIBID - Sociologia

Giovana Raupp dos Santos¹

Resumo: O presente ensaio é uma reflexão sobre a primeira experiência de prática docente realizada em uma escola estadual de Porto Alegre (RS) enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no subprojeto Sociologia. A partir da narrativa da primeira aula de uma sequência didática acerca do conteúdo de Processos de Socialização, explana-se sobre as oportunidades de prática e posterior reflexão docente, tão importantes para a formação de licenciadas e licenciados, proporcionadas pelo PIBID. Algumas discussões que ganham destaque referem-se, também, aos dissabores e, sobretudo, sabores da docência, assim como reflexões acerca do aprender com prazer e do uso de diferentes metodologias de ensino em sala de aula.

Palavras-Chave: Experiência de Prática Docente; PIBID; Sociologia.

É com imensa emoção que recordo meu primeiro dia de prática docente dentro do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Jamais esquecerei da felicidade que vibrava em meu corpo. Um sorriso largo insistia em permanecer em meu rosto. Não é exagero dizer que naquele dia, após aquela aula, *meu mundo tinha mais cor*. Era como se as flores que estavam há tempos esperando para desabrochar tivessem finalmente florescido. Uma explosão de alegria, de cor, de perfume, de sabor.

Estávamos no meio de um semestre, numa dessas épocas em que trabalhos se acumulam e o estresse toma conta. Porém, naquele dia, meu corpo se inundava de um sentimento forte, de um sentimento bom. Enquanto licenciandos, sempre ouvimos falar dos dissabores, ou melhor dizendo, dos desafios da docência. Aquele dia, no entanto, o sentimento foi de um sabor doce. Intenso, marcante, forte, mas doce. Mas não se deixe enganar: não é porque foi florido que tudo foi um mar de rosas. Não foi fácil. Não foi uma dessas utópicas aulas em que todos estão interessados, engajados e participativos.

Dentro das escolas, enquanto bolsista do PIBID, realizava os trabalhos junto de uma colega, minha parceira de trajetória no programa. Foi com ela que planejei e executei as atividades desenvolvidas. Naquele dia, em nosso primeiro dia de prática docente, a realidade com que nos deparamos foi, para nós, bastante assustadora. Ao entrarmos em sala de aula, sozinhas, eu e minha colega nos deparamos com o que, embora não possamos considerar o

¹ Bacharela e Licencianda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, Email: rauppgiovana@gmail.com.

normal, é, muitas vezes - dado uma série de diferentes motivações - o comum: alunos cansados e aparentemente desinteressados com a nossa presença².

Da mesma forma que bem lembro do sentimento após a aula, das flores e das cores, recordo também do aterrorizador sentimento de chegada em sala de aula ao falar com uma turma de quase 30 alunos que parecia estar absolutamente indiferente à nossa presença. Explicar uma atividade que foi tão amorosamente pensada e planejada e, ao início, parecer que ninguém liga: isso foi difícil. Mas a docência é, igualmente, um exercício de paciência. A caminhada da aprendizagem é repleta de obstáculos e há que se ter persistência para saber contorná-lo. Nem tudo sai como planejado; as condições, dificilmente, serão as ideais.

Naquele momento, de fato, nem tudo estava ao nosso favor. Era final de ano, já no terceiro trimestre, época em que a participação e o engajamento das e dos estudantes tendem a diminuir. Além disso, a escola, que se localiza em uma área central da cidade de Porto Alegre (RS), passava por obras, o que afetava sobremaneira o cotidiano escolar, sobretudo para as e os alunos. Também não tínhamos profundo conhecimento das dinâmicas da turma, apesar de termos realizado um período de observações, fazendo, por vezes, breves intervenções. Outro fato que nos coloca longe das condições ideais é que, naquele dia, chegamos sozinhas à sala de aula e pudemos sentir que a nossa presença, sem a do professor regente, não mobilizava, junto às e aos estudantes, a mesma autoridade docente que era sentida com ele.

Dessa forma, foi difícil ver que, de início, a turma de meu primeiro dia de prática docente não pareceu se interessar pela atividade que foi proposta. Mas, também como dito anteriormente, a docência é persistência, e, como aprendemos pela prática, não se pode desanimar com o primeiro obstáculo encontrado. Na época, não nos desencorajamos e que feliz e grata surpresa tivemos. Não apenas porque a atividade foi feita, mas porque, ao que nos pareceu, ela foi prazerosamente realizada.

Eu e minha colega, ao realizarmos o planejamento daquela aula que tinha como tema central o conteúdo de Processos de Socialização, idealizamos uma atividade que fosse dinâmica e divertida para a turma. Por isso, penso que o prazer em realizar a atividade, talvez, se devesse porque o exercício desenvolvido envolvia desenho, criatividade, imaginação, o tipo de coisa que muitas vezes, infelizmente, se encontra distante dos currículos do Ensino Médio, sobretudo em momentos como àquele de final de ano, que gera, às e aos estudantes, muito estresse e preocupação em relação a sua aprovação de ano.

² Esse ensaio diz respeito a uma experiência ocorrida no final do ano de 2025 e, à época em realizava o referido período de prática docente, por estar focada na construção das aulas, dados como o recorte de gênero, classe e raça das e dos estudantes não foram coletados e sistematizados, o que impossibilita, infelizmente, esse tipo de análise no presente texto.

O exercício pedido às e aos discentes, explicado em conjunto por mim e por minha colega, envolvia a criação de um personagem para o qual as e os estudantes deveriam imaginar uma série de categorias, um tipo de atividade ainda desconhecida por aquelas e aqueles estudantes numa disciplina como a de Sociologia, sendo essa, para elas e eles, uma experiência nova. A única condição imposta pelo exercício era que todos os personagens deveriam ter 15 anos e estar cursando o 1º ano do Ensino Médio. Tal escolha se deu porque a turma, cursando o mesmo ano e etapa da educação sugerido pelo exercício, possuía, em média, essa idade. De resto, ficava ao encargo das e dos discentes decidirem outras categorias importantes para a identidade desse personagem: seu gênero, sua raça, onde e com quem morava, a profissão das pessoas responsáveis por ele, sua religião, se trabalhavam, em que tipo de escola estudavam (pública ou privada), entre outras categorias que as e os jovens quisessem imaginar.

Apesar do inicial desinteresse com que essa aula começou, as e os alunos logo se motivaram a realizar a atividade, que foi feita com cor de maneira literal e - ousou dizer - figurativamente. Nesse sentido, percebo a grandeza que é fazer parte do PIBID. Como muito se escuta, o programa se constitui enquanto um “divisor de águas” na experiência daqueles que cursam uma licenciatura, pois, a partir das experiências que ele proporciona a nós, bolsistas, podemos vivenciar, ainda enquanto estudantes, situações que, com absoluta certeza, nos esperam enquanto docentes. É a partir dele que vivenciamos a rotina escolar e que, por consequência, enfrentamos seus desafios, lidamos com suas burocracias e, em paralelo, nos deleitamos com seus sabores.

Imaginando que as e os estudantes responderiam de maneira objetiva às categorias solicitadas pela atividade, que grata e feliz surpresa eu e minha colega tivemos ao ver que cada grupo se propôs, com entusiasmo, a criar uma história de vida para esses personagens. Thamires, um dos personagens criados, por exemplo, era uma menina indígena que estudava na Escola Ernesto Dornelles, um colégio público localizado na área central de Porto Alegre (RS). Apesar disso, morava em um bairro periférico com a mãe, faxineira, e com dois irmãos, um mais velho e um mais novo. Seu pai, ausente, nunca a registrou. A personagem, que foi caracterizada como atea, trabalhava como jovem aprendiz e tinha o sonho de ser médica. Gustavo, outro exemplo de personagem, era um menino pardo que, apesar da pouca idade, já morava sozinho com a namorada. Segundo o grupo de estudantes que o criou, o personagem trabalhava como empacotador em uma filial da rede Zaffari de supermercados e a namorada como *lash designer*. Ele foi caracterizado como umbandista e, mesmo não morando com a

família, não deixava de frequentar à escola, estando matriculado no Colégio Júlio de Castilhos, no bairro Santana, em Porto Alegre. A inventividade surgida nessa atividade me emocionou profundamente e fez com que eu e minha colega refletíssemos sobre a tão linda capacidade de criação das e dos estudantes e como tal potencial é, muitas vezes e desafortunadamente, não aproveitado.

Tudo isso me faz pensar, novamente, na grandeza de fazer parte de um programa como o PIBID, pois ele propicia, antes de nos formarmos enquanto professoras e professores, a reflexão acerca da prática docente, e esse tipo de análise pessoal, acredito, é indispensável para o desempenho de uma boa docência. Naquele dia, e nos que se seguiram também, tal qual uma abelha rodeia um ramalhete de flores, algumas questões ficaram pinicando em minha mente: como fazer com que o aprender seja mais prazeroso e menos monótono? Como fazer uso de metodologias que fujam do tradicional para a construção das aprendizagens? Mais do que isso, como fazer uso de metodologias que coloquem as e os estudantes no centro do processo de aprendizagem?

Pensando nisso, rememoro com alegria o bonito que foi acompanhar as e os estudantes explorando - além da arte ao desenharem seus personagens - suas imaginações, criando com detalhes, para seus personagens, histórias de vida que eram um prato cheio para refletir sobre a temática de Processos de Socialização, conteúdo programado para àquela aula. Colocar as e os discentes enquanto protagonistas daquela atividade e, portanto, enquanto sujeitos dos seus processos de aprendizagens - e ver seus ânimos em realizá-la - fez com quem eu pensasse, com pesar, que esse tipo de aula atrativa, porque prazerosa, para as e os estudantes é pouco comum e figura, muitas vezes, tão somente como apêndice de uma metodologia mais tradicional. Por que essa não pode ser uma atividade legitimamente capaz de construir conhecimento junto às e aos estudantes?

Essa é uma pergunta para a qual não tenho uma resposta objetiva, mas que já foi alvo de muitas reflexões pessoais. Nas aulas que seguiram a essa, optei, junto à minha colega, por fazermos uma aula mais teórica com apresentação de conceitos importantes à temática. Todas as aulas eram por nós planejadas em conjunto e a intenção com essa, claro, era que pudéssemos explorar os conceitos em diálogo com a turma. Por certo, o engajamento da turma caiu bastante e, em retrospectiva, fico pensando o que nos motivou a fazer a escolha por essa metodologia.

A intenção com essa sequência didática era que pudéssemos explorar mais de um tipo de metodologia na tentativa de contemplar as diversas formas de aprender. Hoje refletindo,

penso, no entanto, que, ao optar por essa aula mais tradicional, acabamos por cair na falácia de que uma aula em que a professora ou o professor mais fala e a e o estudante mais escuta é a melhor forma de aprender. Por certo, todo tipo de metodologia tem seus benefícios e o planejamento de uma aula expositiva-dialogada pode, sim, auxiliar nos processos de aprendizagens. No entanto, por que não pensar em outras maneiras de apresentar um conteúdo em que a aluna ou o aluno sejam os agentes ativos de seus processos educativos?

No decorrer de nosso caminho na Universidade, aprendemos sobre como os processos de aprendizagens ocorrem de diferentes formas, assumindo um caráter particular para cada indivíduo, tanto quanto a importância de, em sala de aula, diversificar as metodologias com as quais trabalhamos. Dentro das salas da Faculdade de Educação, negamos com veemência uma educação bancária (Freire, 1987) em que a e o estudante é colocado como agente passivo de sua aprendizagem. Dentro das escolas, nos deparamos com a realidade: alunas e alunos resignados, desanimados, enfileirados e colocados, por aqueles que compõem a instituição escolar, na posição de ouvintes passivos. Como podemos, então, atuar para não sermos apenas transmissores de informações? Como desenvolvemos, dentro de sala de aula, metodologias ativas (Bacich; Moran, 2018) que envolvam a e o estudante para que ela ou ele seja protagonista de seu processo educativo, atuando de forma participativa e reflexiva em seus processos de aprendizagens? Essas são questões que me intrigam, agoniam, mas que, por sorte, também me movem. São perguntas que advêm da prática docente e que, imagino, podem cercar a mente de qualquer professora ou professor. Felizmente, por conta do PIBID, mesmo antes de me graduar enquanto docente, posso, a partir das reflexões que o programa me oportuniza, começar a respondê-las.

Muitas das questões levantadas aqui ainda não têm respostas definidas por mim e, muito menos, definitivas. São, sobretudo, perguntas as quais ainda estou, a partir da prática de cada dia, construindo cotidianamente respostas. Nesse sentido, reitero, novamente, as tão belas e importantes oportunidades proporcionadas pelo PIBID. A experiência de vivenciar o programa permite que façamos reflexões que só são possíveis a partir da prática. Experiências como as relatadas acima, eu imagino, acontecem com frequência no cotidiano docente, e é absolutamente grandioso poder experienciá-las enquanto ainda estamos em formação.

Por isso, é tão emocionante lembrar minha primeira experiência de prática docente no PIBID e com gratidão que penso em todas as reflexões que com ela surgiram. Depois daquela primeira aula, uma série de sentimentos tomou conta de mim. Apesar dos pequenos obstáculos, inerentes ao fazer docente, meu corpo transbordava em auto realização e as lentes

pelas quais eu via o mundo se encontravam menos enevoadas e mais saturadas de cor. Fico feliz que eu e minha colega, naquele primeiro sinal de desânimo das e dos estudantes, não tenhamos, nós mesmas, nos desanimado. Faço essa afirmação, pois é com emoção que lembro de Matheus³, aluno sempre antes percebido como envolto em uma nuvem de apatia, parecendo cansado, desinteressado, mas que, naquele dia, pareceu despertar. Ele gostava de desenhar e, embora esse não fosse o objetivo central da atividade, ele o fez de forma espetacular. Nunca vou me esquecer de Matheus e, sobretudo, nunca vou me esquecer da sensação de vê-lo, pela primeira vez até então, participando de uma atividade. Que doce sabor. Que intensa felicidade foi ter podido participar desse processo que, para Matheus, pode ter sido apenas mais um desenho, uma atividade divertida, mas que, para mim, foi a certeza cravada de uma paixão pela docência. Naquele dia, depois dessa aula, foi como se flores desabrochassem em seu esplendor máximo de perfume e de cor em meu peito. É por isso que, com imensa emoção, rememoro minha primeira experiência de prática docente, recheada de sabores, no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, nosso tão valoroso PIBID.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de; ARANTES, Valéria Amorim. **A escola dos sonhos: desejos e projetos de vida dos educadores brasileiros**. São Paulo: Summus, 2014.

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Artigo recebido em 10/02/2026.

Aprovado em 20/04/2026.

³ Nome fictício para preservar a identidade do estudante.